

COLEÇÃO ARTHUR RAMOS: DA MUSEALIZAÇÃO À (IN)VISIBILIDADE E AO ESQUECIMENTO¹

BCH-UFG
PERIÓDICOS

ICLÉIA THIESEN MAGALHÃES COSTA*

RESUMO

Em sua trajetória de cientista social, Arthur Ramos acumulou um vasto acervo que reflete, ilustra e documenta as pesquisas realizadas ao longo do tempo, que conformaram a Coleção Arthur Ramos, em parte adquirida pela Universidade Federal do Ceará, em 1959, após sua morte precoce. Como se formou essa Coleção e quais as suas características? Qual o estado da arte do conjunto documental sob a custódia da instituição que o adquiriu? A oportunidade do seu centenário de nascimento, comemorado em 2003, inspirou a realização deste artigo, que tem por objetivo não apenas homenagear esse estudioso da cultura negra, mas também divulgar a existência desses materiais da Memória e da História, em seu processo de acumulação.

ABSTRACT

In his career as a social scientist, Arthur Ramos accumulated a vast collection which illustrates and documents the research carried out throughout time, and which comprised the Arthur Ramos Collection, partly acquired by the Universidade Federal do Ceará in 1959, following his early death. How was this collection built up and what are its features? What is the state of the arts of this trove of documents under the custody of the institution which acquired it? The centennial of Arthur Ramos' birth, celebrated in 2003, have inspired the writing of this article which aims at not only paying homage to this dedicated scholar of Black culture, but also disclosing the existence of these National Heritage and History materials in their collection process.

*Doutora em Ciência da Informação, Professora do Curso de História e do Mestrado em Memória Social e Documento da UNIRIO

Em sua trajetória de cientista social Arthur Ramos, antropólogo e pesquisador interessado no estudo das culturas negras no Novo Mundo, do folclore e da Psicanálise, tendo sido considerado por muitos e, em especial, por Roger Bastide² e Donald Pierson³, um expoente das dinâmicas do seu tempo, acumulou um acervo que reflete, ilustra e documenta as pesquisas realizadas ao longo do tempo, que conformaram a Coleção Arthur Ramos, cujas informações, segundo veremos, espelham a memória e a trajetória científica deste pesquisador.

Adquirido pela Universidade Federal do Ceará, em 1959, dez anos após sua morte, pelo professor Antônio Martins Filho, então Reitor da UFC, o acervo foi entregue ao Museu do Instituto de Antropologia (Girão, 1971: 95). Como se formou a Coleção Arthur Ramos? Quais as suas características? Qual o estado da arte do conjunto documental sob a custódia da instituição que o adquiriu? No momento em que se comemora o Centenário de nascimento de Arthur Ramos é importante procurar, se possível, responder a essas

questões, meta principal deste trabalho. Para a consecução de tal objetivo, são analisados, especialmente, alguns documentos constantes do Arquivo Arthur Ramos, sob a guarda da Biblioteca Nacional, bem como entrevista, realizada com a pesquisadora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros⁴, doravante denominada Barros, uma estudiosa do assunto que generosamente abriu caminhos possíveis para essas e outras fontes de estudo sobre esse pioneiro das pesquisas do negro no Brasil.

Arthur Ramos, em suas pesquisas antropológicas, desenvolveu uma concepção de cultura como "uma síntese nova que nos permite a compreensão da personalidade humana de que é inseparável" (Ramos, 1948: 94). Essa noção pode, de alguma maneira, explicar as características de sua Coleção, pois esse estudioso

considerava a mudança cultural nos processos de aculturação. Nesse sentido, entendia a Antropologia como

(...) uma ciência do homem e da sociedade de que ele é integrante",

conjugando ao conceito de cultura a idéia de êtós. Para ele, "não existe uma tipologia de grupos étnicos, mas comportamentos diferenciais em relação com os padrões de cultura. Se estes padrões mudam, a personalidade se modifica com eles. Há uma dependência estreita entre o indivíduo e seu meio socio-cultural (Ramos, 1948: 96).

Sendo o homem agente efetivo de todo o processo de cultura, quando migra o objeto ou artefato cultural ele "(...) adquire nova função, em relação às necessidades básicas do homem do novo ambiente". E foi esse espírito da cultura negra que Ramos procurou compreender em seus estudos etnográficos.

No final da década de 1930, as pesquisas sobre a cultura negra no Novo Mundo foram enriquecidas com três volumes, de leitura autônoma, publicados, respectivamente, em 1934, 1935 e 1937. São eles: *O negro brasileiro; O folclore negro do Brasil e As culturas negras no Novo Mundo*. Estes são apenas alguns títulos que revelam resultados de seus estudos etnográficos sobre o tema predominante da coleção formada por este personagem⁵.

Numa época em que predominava o arianismo nazista, Arthur Ramos inovava com seus estudos afro-brasileiros, não apenas ao instituir uma abordagem da teoria da cultura em contraposição à teoria das raças, contrariando, portanto, as teses vigentes no universo intelectual de seu tempo, pautadas na inferioridade da raça negra, mas também ao ressaltar o valor intelectual do negro. Por outro lado, em sua trajetória de pesquisador atento à multiplicidade das tribos de origem negra, reunidas no mesmo espaço de trabalho escravo, em terras brasileiras, procurou distingui-las, em suas especificidades e características, para melhor analisá-las no âmbito dos fenômenos de aculturação e sincretismo religioso.

Arthur Ramos, nos seus 46 anos de vida, produziu inúmeros estudos publicados em forma

de artigos e livros, em matérias de jornais que escreveu por influência de Nilo Ramos, seu dileto irmão. Ministrou diversos cursos, conferências, discursos, comunicações, tendo participado de um grande número de seminários, mesas redondas, congressos, no Brasil e no exterior. Humanista, participou de diversas campanhas para a construção de instituições médicas, como um hospital, no Pilar (AL), o manicômio judiciário na Bahia. Lutou pela paz, pelo fim dos regimes totalitários, tendo assinado inúmeros manifestos, como o Manifesto aos Republicanos Espanhóis (1937), o Manifesto pela Paz e pela Civilização (1938), o Manifesto de profissão de fé democrática na luta contra as potências totalitárias (1942). Lançou, ainda, o Manifesto Contra o Racismo, em sessão extraordinária da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, em 1942, por ele fundada um ano antes, dela tendo sido presidente no período de 1941-1943. Essa profícua trajetória de pesquisador tornou possível a acumulação de 5.000 documentos constantes de seu arquivo particular, posteriormente adquirido pela Biblioteca Nacional, bem como uma biblioteca e um museu. Fragmentos dessa história serão aqui reconstituídos.

Um pequeno museu africanista

Estamos em 20 de abril de 1938, no Rio de Janeiro. Em seu apartamento situado na Rua do Russel, no 12º andar, nosso personagem concedeu entrevista ao jornal *A Gazeta de São Paulo*, intitulada "Da civilização negra à psychanalyse", em seu gabinete, cercado de livros. Conforme relatado pelos jornalistas, "(...) um instrumento estranho chama-nos atenção. Arthur Ramos percebe a nossa curiosidade" e explica tratar-se de um tronco do tempo da escravidão; um, dentre muitos objetos que possui, abrindo um armário que contém atabaques, adufos, esculturas negras, amuletos.

Trata-se de um tesouro acumulado pelo pesquisador, um lugar de memória, certamente. Mas também testemunho de suas pesquisas que visavam não apenas denunciar a teoria das

raças, mas indicar as sobrevivências culturais africanas no Novo Mundo, os processos de aculturação, em termos de cultura e não de raça. Sua coleção reflete isso: um clamor contra o esquecimento, ressaltando o valor intelectual do negro no Brasil.

Às vésperas de fazer uma conferência em São Paulo, a convite do Departamento Municipal de Cultura, Arthur Ramos explica aos jornalistas que

(...) essa iniciativa prende-se às comemorações do Cinquentenário da Abolição, que estão despertando muito interesse em todo o país. Mas é preciso que se note um fato muito significativo: outrora festejava-se o 13 de maio com discursos, hinos e poesias, considerando-se apenas o seu aspecto político e anedótico; hoje a data suscita estudos, pesquisas sobre a contribuição do negro em nossa civilização. Mudou a maneira de encarar o fato histórico e isso devemos - diz ele - aos esforços da escola de Nina Rodrigues, que levantara outrora o problema real do negro...

Por solicitação do Ministro da Educação, conforme relata, Arthur Ramos foi instado a designar temas de estudos que deveriam ser desenvolvidos por especialistas, "(...) num verdadeiro curso de conferências africanistas. Em São Paulo e Minas verifica-se o mesmo interesse...". Quais foram os temas? O antropólogo estabeleceu dois temas principais, subdivididos em vários itens:

(...) o problema da escravidão e o abolicionismo, do qual posso citar os seguintes itens: navios negreiros, história do tráfico, o trabalho escravo, insurreições negras, campanha abolicionista, etc.

Em seguida Ramos fala sobre o segundo tema:

(...) o problema do negro na vida da civilização brasileira, com os seguintes itens: sobrevivências culturais do negro no Brasil, religiões, folklore, sobrevivências artísticas, culinária afro-brasileira e muitos outros.

Como nosso personagem interessou-se pelo problema do negro? Diante da pergunta do jornalista, Ramos reporta-se à sua experiência como médico legista na Bahia, quando abraçou pesquisas sob as orientações de Nina Rodrigues, explicando

(...) a prioridade desses estudos modernos cabe a nós, continuadores do mestre baiano. (...) Continuadores de Nina Rodrigues, devemos, entretanto, ressaltar que o seguimos apenas no método, na orientação, sem esposar os princípios que ele estabeleceu.

O mais importante princípio negado por Arthur Ramos, único mencionado nessa entrevista, é o fato de Nina Rodrigues considerar o negro um elemento inferior. Ramos explica que seu mestre, por dispor de

(...) poucas contribuições ao alcance de seu tempo, ele foi levado a esse erro. Nós já não admitimos tal hipótese, embora fiéis ao método preconizado pelo mestre.

Com as comemorações dos 50 anos da Abolição da Escravatura, em 13 de maio de 1938, Arthur Ramos é entrevistado pelo jornal *O Globo*, no Rio de Janeiro, então capital do país. Preparando-se para uma série de conferências que iria proferir em São Paulo, sobre temas afro-brasileiros, forneceu aos jornalistas apontamentos sobre o tema, com o propósito de

(...) informar aos leitores sobre episódios e aspectos simultaneamente pitorescos e trágicos da escravidão.

Fala sobre castigos, quilombos, negros e capoeiras na Guerra do Paraguai, exaltando os valores do negro e sua influência na cultura brasileira. Conforme se lê na entrevista, provavelmente parte das anotações cedidas pelo antropólogo, Rui Barbosa, quando Ministro da Fazenda nos primeiros meses da República, "(...) mandou destruir nas alfândegas quaisquer documentos que lembrassem à posteridade coisas da escravidão". Fato bastante conhecido e criticado não apenas pelos historiadores e outros especialistas, mas uma marca negativa no imaginário e na memória nacional. Tudo indica que Arthur Ramos, em sua trajetória, faz um movimento contrário ao do célebre jurista, documentando e divulgando a saga do negro escravizado no Brasil, procurando evidenciar seus atributos e, em especial, seu valor intelectual. Em seu clamor contra o esquecimento, o antropólogo ressalta alguns aspectos e heranças dessa cultura:

Muitos engenhos e fazendas houve onde eram os escravos, na maioria de origem islâmica, os únicos que sabiam ler. E por toda parte, na música, na pintura e nas letras há uma influência negra próxima ou remota.

Em suas excursões pelo interior do país recolhe, ainda, objetos que representam o lado sombrio da vida negra escrava, entre os quais instrumentos de tortura, por ele classificados como "(...) de captura e contenção, suplício e aviltamento". Ramos mostra sua coleção particular aos jornalistas: correntes, gonilhas, gargalheiras, tronco, algemas, viramundo, machos, cepo, peia e corrente. Entre os instrumentos de suplício catalogados estão máscaras, anjinhos, palmatórias, etc. Ferro para marcar e placas com inscrições constituem meios de aviltamento.

Ao comparar o negro ao índio, Arthur Ramos explica

(...) o negro não era inferior ao índio no seu espírito de liberdade (...),

[entendendo que] os africanos foram preferidos justamente pelo seu grau de cultura. Eles já se encontravam num estado de civilização mais adiantado: o da lavoura e mineração. Que não eram menos ciosos da liberdade provam-nos os quilombos.

Menciona, dentre outros, Palmares,

(...) que se tornou histórico (...), o de Rio das Mortes e de Vila Rica, em Minas, os do Maranhão e da Paraíba, os do Leblon e São Cristóvão nesta capital, já nos tempos de maior agitação abolicionista e o de Serra de Cubatão em São Paulo.

Entretanto, outros objetos são reunidos em armários de seu apartamento, como santos para arranjar casamento, objetos religiosos da umbanda e do candomblé, gravuras, desenhos e pinturas, anúncios de vendas e de leilões de escravos. "Anúncios que prometiam gorjetas a quem descobrisse e entregasse ao senhor negros fugidos"⁷.

Sobre os quilombos, menciona as confrarias de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, "patronos dos homens de cor no céu". Havia, nas confrarias, a coleta de dinheiro entre escravos, utilizado para alforriar os habitantes das senzalas. Ramos narra a história de um deles:

Rei no continente negro foi aprisionado pelos "pombeiros" e trazido para o eito no Brasil. Libertado formou o quilombo de Vila Rica onde, de acordo com a "história antiga de Minas", de Diogo de Vasconcelos, encontrara uma mina de ouro, explorando-a.

Outras notícias sobre sua coleção estão documentadas em seu arquivo, como uma reportagem feita por José Condé, para a revista *O Cruzeiro*⁸, de 30 de outubro de 1937, contendo

fotografias do casal Ramos com Mário de Andrade, de Arthur Ramos com o autor da matéria, desenho de antigo escravo acorrentado, o quadro "Xangô", de Luiz Jardim, escultura de "Iansã", e o antropólogo mostrando objetos do tempo da escravidão. A reportagem, logo no início, menciona a existência da Coleção Arthur Ramos:

*Possui o autor de **O Negro Brasileiro**, em seu apartamento, no Flamengo, uma valiosa coleção de tudo que diz respeito aos estudos afro-brasileiros: ídolos fetichistas, atabaques usados nos candomblés, objetos do tempo da escravidão, trabalhos de arquitetura de negros, assim como diversas gravuras de valor incontestável. E, uma **vasta biblioteca** sobre o negro aqui, e no estrangeiro (grifado por mim).*

Ao iniciar a entrevista, Arthur Ramos, uma vez mais, explica as razões que o levaram a estudar a cultura negra e a abordagem de suas pesquisas:

Criou-se uma vasta literatura. Para o ameríndio, tudo: poemas, nomes de cidades, de ruas, de monumentos. O negro ficou esquecido. No entanto, não há mais dúvidas hoje em dia, de que sua influência na formação social do Brasil foi bem superior à daquele. O indígena, inadaptável ao trabalho da lavoura, recuou para o interior do país, enquanto nas fazendas, nas plantações de cana de açúcar, nas minas, enfim em todo o litoral foi o negro um elemento de grande atividade. O maior fator de solidificação da nossa sociedade colonial.

As razões desse silêncio são explicadas em seguida. "Diversos fatores influíram para que se consumasse essa injustiça: o preconceito de cor,

a 'inferioridade da raça negra', por exemplo. "Adiante, argumenta o sentido do seu trabalho:

Em nossos trabalhos temos visado demonstrar a importância das sobrevivências das culturas africanas na civilização brasileira, abordando o problema sem nenhum preconceito de "linha de cor" ou de doutrinas de "inferiorização" antropológica do Negro.

Ramos explica ao jornalista José Condé de que forma vinha abordando o tema das sobrevivências negras no Brasil, refletidas em seus livros. Sobre As Culturas Negras no Novo Mundo, diz o autor:

Lancei uma vista de conjunto sobre as sobrevivências culturais africanas no Novo Mundo para estabelecer cotejos corrigindo assim as deficiências do método histórico. Mostro, por fim, as resultantes da aculturação, isto é, as conseqüências que, para a nossa civilização advieram dos contatos de culturas: européia, africana e ameríndia. Coloco assim o problema em termos de cultura e não de raça, seguindo os mais legítimos métodos contemporâneos de psicologia social e da antropologia cultural.

A importância do negro escravo é por ele evidenciada, em várias oportunidades:

(...) base da nossa economia e, talvez assim, os formadores da nacionalidade. Os seus braços garantiram quando outro elemento não existia para o cultivo da "(...) terra boa que nela se plantando tudo se dará" a riqueza do país. Tanto na época do açúcar, que se seguiu à indústria do pau brasil, quanto na do café, dos minerais e da pecuária.

Nos engenhos, nas buscas do ouro e nas fazendas, o único trabalho era o seu. Daí a campanha abolicionista ter encontrado a resistência dos escravocratas que a julgavam ruínosa à prosperidade do Brasil.

Enquanto o antropólogo tecia considerações sobre suas pesquisas e diante dos objetos expostos ao olhar dos que ali freqüentavam, José Condé relata que se puseram a recordar um candomblé: "a tristeza dos negros nas cantigas tristes dos atabaques. A noite longa, batuque ritmado".

No entanto, o principal testemunho sobre a existência dessa Coleção encontra-se registrado pelo próprio colecionador. Na seção Documentário, da revista *Cultura*, editada pelo então Ministério da Educação e Saúde, Arthur Ramos publica o artigo "Arte Negra no Brasil", onde analisa e discute os processos de aculturação do negro africano, através da sua arte. Descreve vários exemplares de esculturas, objetos oriundos de práticas religiosas, do candomblé e da macumba, estatuetas, figas, mencionando inúmeras vezes a sua Coleção, bem como os lugares onde foram "colhidas" (Ramos, 1948a: 200). O antropólogo caracteriza a arte negra de diferentes culturas africanas e aquela já produzida no Brasil, quando sofre alterações substantivas:

As peças de nossa coleção, reproduzidas nas pranchas II e III são três exemplos que documentam as sobrevivências de franca estilização africana. Foram colhidas nos candomblés da Bahia, em 1927, mas não conseguimos apurar a data da sua feitura. No tempo de Nina Rodrigues, muitas destas peças vieram da África e foram conservadas religiosamente no recesso dos candomblés. Depois, o contato com a África foi-se tornando cada vez mais difícil, e as peças começaram a ser feitas na Bahia, pelos velhos negros que ensinaram sua arte aos mais jovens, que a perpetuaram.

Denuncia o articulista, uma vez mais, os preconceitos em relação à arte negra, quase sempre categorizada como arte primitiva. Ramos (1948a: 189) explica que:

Culturas primitivas são, na realidade, culturas não-européias, e a expressão primitivo, no sentido de anterioridade temporal e inferioridade específica, vem indicar a existência do preconceito europóide ou ocidentalóide, que aferiu os valores culturais e artísticos pelos seus próprios padrões de civilização. (...) O artista africano é coletivista. Sua arte é tribal, está ligada, em essência, aos impulsos mais profundos da sua vida religiosa, mágica e cerimonial. E por isso mesmo, como veremos mais adiante, esta arte oscila entre as solicitações da vida instintiva e emocional e as mais altas expressões da sua Weltanschauung.

Arthur Ramos finaliza seu artigo, cuja proposta é "(...) documentar esta sobrevivência nos costumes afro-brasileiros", com um lamento:

Forma e efígie dos seus deuses, sombras do passado, de um passado de contrastes, de exaltação mitológica e de desesperos sombrios da captura, do êxodo e da escravidão (1948a: 211).

Ao lado do antropólogo, nos seus afazeres cotidianos, encontramos a figura de sua esposa, Luísa Ramos. Em entrevista a Dom Casmurro⁹, de 26 de agosto de 1939, ela fala, com a mais expressiva humildade, sobre seu papel de mera "auxiliar, secretária apenas" do antropólogo, fato que não se sustenta no desenrolar da matéria. Ela explica à jornalista que interrompeu

(...) um trabalho sobre estatística para atender a Dom Casmurro. A minha vida, na realidade, é uma preocupação absorvente pelos estudos do meu marido,

e qualquer coisa fora dela são pausas intercaladas.

Insiste em corrigir a jornalista que a elogiou como "colaboradora preciosa", mas, ao fazê-lo, mostra que vai além das tarefas de datilografia e arquivamento dos dados informativos, antes mencionadas:

(...)despacho a sua enorme correspondência do Brasil e do estrangeiro e, o que requer mais paciência e tempo, interpreto os documentos antigos, o que equivale às vezes a uma verdadeira tradução.

Luísa fala sobre as dificuldades de realização da pesquisa, em vista da escassez de dados, pois poucos chegaram até nós, graças à destruição platônica dos abolicionistas que pensaram apagar a mancha da escravidão com a destruição dos documentos referentes ao negro. Para um particular, adquirir material de estudo suficiente é quase impossível devido às dificuldades financeiras.

A jornalista Zoia de Laet menciona a fama do museu de africanologia de Arthur Ramos que, segundo ela, corria o mundo. Luísa explica que o museu, no entanto, "é bem pequeno, se pensarmos no que se perdeu" (grifado por mim). Não vai adiante em seu comentário e, por isso, não se pode saber a que se devem tais perdas, nem o material perdido. Zoia descreve os objetos colocados em um armário, mostrados por Luísa:

(...) originais testemunhos da cultura religiosa do negro brasileiro: estatuetas talhadas em madeira e recobertas de pichê, Exu, Xangô, Iansã, as roupas das Iaôs, colares, amuletos, desde as figas de Guiné até as pontas de aço para espan-tar Exu, o diabo, e cocares, braceletes, xequerês, espadas trabalhadas em metal para Ogun.

Tudo atesta a observação de Calógeras: "O negro é metalurgista nato" (Laet: 1939).

A esposa do antropólogo conhece em minúcias o trabalho de etnologia desenvolvido por Arthur Ramos, como pode ser verificado em seu comentário sobre o museu:

Por esses fetiches que Arthur e eu recolhemos em nossas viagens pelo nordeste, pode v. avaliar o sincretismo a que chegaram os cultos negros no Brasil. Além da fusão das religiões bantus, malês e nagôs, veio misturar-se a tudo isso a dos índios, resultando os "candomblés de caboclo" tão comuns na Bahia.

Mostrando cultura e erudição, Luísa descreve minuciosamente as guias, suas cores e significados, assim como estatuetas, suas características e valor religioso. Conta que, para melhor estudar os ritos negros, Arthur Ramos

(...) se deixou sagrar "Ogan" (protetor do candomblé), sendo seu orixá o São Jorge dos negros: Oxóssi. Ao passarem para o gabinete de estudos, amplas estantes cobrem as paredes. (...) Um amigo dedicado recolheu este raríssimo material de suplício do negro em uma fazenda do Estado do Rio. São troncos de tortura, algemas, argolas e pesos para dificultar o andar dos negros fugidos.

Mais adiante, Luísa confirma a formação da Coleção do titular e sua metodologia de trabalho etnográfico:

Todo esse material que aí vê foi recolhido por nós em excursões pelo interior do Brasil. Sempre que decidimos uma viagem de recreio ela se transforma logo numa viagem de estudos observantes. E o que se convencionou em ser admiração extática da paisagem se modifica

numa ânsia de recolher todos os dados que nos for possível. Da manhã à noite é escrever e arquivar.

Ao final da entrevista, Luísa discorre sobre os motivos musicais dos negros, certamente para explicar objetos pertencentes ao acervo: "(...) o rádio está abafando tudo que há de original na música africana. Tudo hoje traz o selo do samba.". Jongos, batuques, macumbas são ouvidos em discos selecionados pela anfitriã. A jornalista comenta que se trata de música agreste e selvagem, logo corrigida por Luísa: "(...) agreste, sim, selvagem é um ponto de vista civilizado. Primitivo e ingênuo, com certeza."

A existência da Coleção Arthur Ramos não pode ser contestada. Testemunham sobre ela e sua formação, não apenas seu titular, mas a esposa que vivenciou, em grande parte, a recolha de inúmeros objetos encontrados em excursões e atividades de pesquisa pelo interior do país. Além dos colecionadores, os jornalistas que realizaram as entrevistas antes mencionadas registram e descrevem parte desse acervo documental. O conjunto das informações disponíveis dá conta de que esse acervo é, originalmente, constituído de material bibliográfico, museológico, arquivístico e iconográfico. No entanto, esses materiais da memória e da história da cultura negra, bem como da trajetória do antropólogo, guardados nos armários e estantes de sua residência, onde ficaram expostos durante décadas, para um público restrito e especializado¹⁰, tomam um outro rumo após sua morte, até a institucionalização como Museu no extinto Instituto de Antropologia, na Universidade Federal do Ceará.

Conforme veremos, nem tudo que um dia constituiu, na origem, a Coleção Arthur Ramos sobreviveu. Após sair das mãos dos colecionadores, o casal Arthur Ramos, esta sofreu fragmentações e perdas sucessivas, seja pela ação do homem, seja por obra das intempéries que assolam as instituições-memória - arquivos, bibliotecas e museus. Para compreender a sua

identidade é preciso voltar no tempo e tentar recompor os fatos com elementos do passado que podem esclarecer o estado da arte desta Coleção.

A coleção Arthur Ramos: organizar, musealizar e expor.

Após a morte precoce de Arthur Ramos, em 1949, aos 46 anos de idade, sua esposa

(...) teve a idéia de vender a Biblioteca e o Museu. (...) Como ela tinha o apartamento do Edifício Tupi, na Av. Atlântica, ela venderia também esse apartamento (...) e com esse dinheiro ela criaria a Fundação Arthur Ramos (Barros, 2003).

Em seu livro de memórias, o professor Antônio Martins Filho, criador e 1º Reitor da Universidade Federal do Ceará, a qual dirigiu durante 12 anos (1955-1967), refere-se a uma viagem ao Rio de Janeiro, em 1958, para ultimar a compra do Museu Antropológico, Biblioteca e de uma valiosa coleção de gravuras, pertencentes à viúva do eminente antropólogo Artur Ramos. Na compra também haviam sido incluídas a preciosa Coleção de Rendas de Bilros, organizada pela Senhora Luísa Ramos, e mais os direitos autorais sobre a monografia A Renda de Bilro e sua aculturação no Brasil, de autoria de Luísa e Artur Ramos. A aquisição foi excelente e serviu de base à instalação do nosso Instituto de Antropologia (Martins Filho, 1994: 152).

No ano anterior, o então Reitor da UFC, conforme conta na mesma obra (p. 117), em viagem à Cidade do México teve uma impressão muito forte, motivada pela riqueza do acervo antropológico e das reminiscências das civilizações indígenas, ali suficientemente exploradas do ponto de vista turístico e também na área da pesquisa científica.

Em sua política de expansão cultural, frente à Reitoria da Universidade, durante quatro gestões, com "(...) a criação e instalação de novas

unidades de pesquisa" (p. 158), Martins Filho certamente já planejava impulsionar os estudos antropológicos, pois, em 1957 patrocinou

(...) um Curso de Preparação Antropológica, a que compareceram quase 150 candidatas, e que se revestiu de absoluto êxito (p. 131).

Em outro momento de suas memórias, o Professor lembra que o Serviço de Antropologia, dirigido pelo eminente mestre Thomaz Pompeu Sobrinho, que, aliás, nunca recebeu a menor remuneração por parte da Universidade, foi elevado à categoria de Instituto. Pompeu Sobrinho ficou muito contente com a minha iniciativa de adquirir, por compra, o acervo bibliográfico de Arthur Ramos (p. 158).

O mencionado Instituto de Antropologia teve vida breve e foi a célula inicial do Curso de Ciências Sociais da UFC. Em sua entrevista, Luitgarde Barros lembra ter ouvido de Martins Filho, que em sua visita à Biblioteca Nacional, para ultimar a compra do Museu Antropológico -tal como estava nomeado naquela instituição- desconhecia a existência do acervo que então integrava o referido Museu e, naquela ocasião, estava colocado em caixas amontoadas. "Naquele momento ele se inspirou em criar o Instituto de Antropologia" (Barros, 2003).

O que continha então o chamado Museu? Além da coleção de gravuras já mencionada, cujo número é desconhecido, havia cerca de 2.000 amostras de rendas de bilro, uma vasta Biblioteca, mais de 400 peças de arte negra¹¹ e, ainda, um acervo contendo mais de 5.000 documentos. Este montante acaba sendo desmembrado antes de ser musealizado, posteriormente, no Instituto de Antropologia, hoje extinto. Em sua entrevista, Barros conta diversos episódios ocorridos no passado, que podem ilustrar e esclarecer aspectos que dizem respeito à Coleção:

Em 1973, no Ceará, na primeira vez que eu fui lá pesquisar o Padre Cícero,

eu entrevistei o Doutor Raimundo Girão, que dirigia o Instituto do Ceará e a sobrinha dele, a historiadora Valdelice Girão. Ela cuidava do material que o Dr. Martins Filho diz ter comprado da viúva de Arthur Ramos, na Biblioteca Nacional. Aqui está a relação dos livros da Coleção de Arthur Ramos, recebida pelo Prof. Francisco de Alencar, já em Fortaleza. É a única relação dos livros que chegaram lá.

A relação dos livros, cuja cópia me foi entregue durante a entrevista contém 172 itens, entre os quais livros, enciclopédias, artigos de periódicos, discursos, separatas, de diversos autores (individuais e institucionais), em diferentes idiomas.

Uma outra lista a que ela se refere, mais adiante, contém 213 peças museológicas, da Coleção Arthur Ramos e 40 amostras de rendas de bilro, da Coleção Luísa Ramos. É bastante provável que o acervo mencionado na segunda lista esteja hoje na Casa de Cultura José de Alencar, embora incompleta. Se considerarmos as notícias sobre "(...) mais de 400 peças de arte negra", verificamos que apenas a metade chegou ao destino. Mas, também é possível que esse número do qual se ouvia falar correspondesse ao somatório aproximado das duas listas. E a outra possibilidade é que tenha havido perdas.

Não se pode apurar hoje a exatidão dessa totalidade, pelas razões que veremos a seguir.

Eu não vi no Ceará essas iconografias; não estavam mais no Instituto do Ceará em 1973 e muito menos em Messejana depois que Valdelice se aposentou. (Barros, 2003).

Em nossa entrevista, a antropóloga conta que Luísa Ramos foi lesada e o advogado que fez a transação com o Governo Federal - os pareceres a favor da compra são de 1952 - não repassou para ela, senão tantos anos depois que a inflação

comeu tudo e ela que pensava ter a Coleção íntegra na Biblioteca Nacional...

Mais adiante, Barros comenta, ainda, que não entendeu qual foi o problema ocorrido durante o processo de venda da Coleção, preservando a sua integridade, pois a transação que parecia ter sido feita entre Luísa Ramos e a Biblioteca Nacional - onde, aliás, estava o acervo quando da sua compra pela Universidade Federal do Ceará, não se efetivou senão em 1958, data em que o professor Martins Filho compra diretamente da viúva parte da Coleção Arthur Ramos. Ela explica que

(...) a sensação que eu tive durante a entrevista que ele me deu é que ela [Luísa Ramos] começou a negociação, pediram para ela entregar o material, ela entregou tudo e o advogado não a colocou com o processo terminado (Barros, 2003).

O então Reitor da UFC escolheu os livros que constam da relação citada.

No entanto, Luitgarde relata

Dr. Martins Filho dizia que comprou cerca de 800 livros, mas a biblioteca do Arthur Ramos era de muitos milhares de livros, era muito comentado o tamanho da biblioteca dele. Ele alugava um apartamento onde coubesse a biblioteca; eles eram um casal sem filhos e nunca moraram em apartamento menor que três quartos. Onde ele viveu tinha uma biblioteca imensa ocupando a casa toda e um museu. E a Biblioteca Nacional recebeu o museu e a biblioteca toda. (...) Mas o tombo original desa-pareceu no Ceará porque a biblioteca foi inundada num desses anos de chuva (...)

O Dr. Martins Filho era muito cuidadoso com essas coisas e, no entanto, não escapou e a bibliotecária originária deu depoimento, por telefone, a pedido

dele, para mim, dizendo isso, que o tombo original do que chegou ao Ceará desapareceu.

A existência da lista de livros se deve ao professor Francisco de Alencar, que a elaborou e forneceu cópia à Luitgarde em 1973. Os pesquisadores da Biblioteca Nacional procuraram sistematicamente o documento de aquisição do acervo, que nunca foi encontrado,

(...) nem as diretoras da Seção de Manuscritos conseguiram encontrar a relação do que entrou na BN. Eu sempre me preocupo em localizar isso. A Carmen Moreno teve muita preocupação com isso e não conseguiu ver este tombo (Barros, 2003).

Após a seleção do professor Martins Filho, a Biblioteca Nacional distribuiu os livros que restaram e a Coleção foi desmembrada, exceto os manuscritos. A aquisição e a organização desses documentos são relatadas por Barros. Em 1972, ela conheceu o coronel Paulo Ramos, sobrinho de Arthur Ramos, que lhe falou sobre Zoé Coelho Neto, irmã de Luísa Ramos, herdeira de seus bens quando de sua morte. Em 1985, após a morte de Zoé, seu filho, o general Ernesto Coelho Neto, entra em contato com o coronel Paulo Ramos, informando sobre o material entregue por Luísa Ramos a sua irmã, pertencente ao tio, Arthur Ramos. Ambos tinham sido expedicionários da FEB, na Segunda Guerra Mundial, e se corresponderam com o antropólogo, que tinha sido um dos grandes incentivadores para que o Brasil combatesse os países do Eixo. Após a morte de Zoé, sua casa na Gávea seria vendida e o acervo de documentos foi dado a Paulo Ramos que, por sua vez, ofereceu a Luitgarde, por considerá-la divulgadora da obra de seu tio. Sem condições de receber essa doação, a Professora sugeriu que o acervo fosse doado à Biblioteca Nacional.

Em 1985 dirige-se à diretora da instituição, a escritora Maria Alice Barroso, e com ela negocia

a doação, sob a condição de que fosse criado o Arquivo Arthur Ramos, que não existia. Assim foi feito e, no ato de assinatura do termo de doação, ocorreu uma bonita cerimônia.

De 1985 a 2000 foi feito um trabalho ininterrupto de catalogação, tratamento de material, tudo foi perfeitamente organizado e foi feito o catálogo, que ainda não está publicado (Barros, 2003).

Assim se deu a criação do Arquivo Arthur Ramos, disponível para pesquisas, o que permitiu recuperar informações fundamentais para a elaboração deste trabalho.

A Coleção Arthur Ramos, tal como foi organizada e, posteriormente, documentada pela professora Valdelice Carneiro Girão, em separata da Revista de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Ceará, em 1971, era composta de peças de grande valor etnográfico, tais como esculturas, máscaras, guias de santos, leques sagrados, capacetes de pais-de-santo, espadas de Ogum, flechas, imagens de santos, figas, pulseiras de filhas e mães de santo, búzios, ex-votos, entre outros objetos, perfazendo um total de 212 peças numeradas e descritas de acordo com informações disponíveis sobre cada uma delas. Em alguns casos, consta a ressalva "(...) procedência ignorada". Valdelice relata as dificuldades que encontrou em classificar o material adquirido, considerando-se "a falta de informações precisas" (Girão, 1973: 95).

A classificação e descrição do acervo constante da Coleção Arthur Ramos, institucionalizada como Museu e descrita na mesma publicação de 1973, obedeceu "(...) critérios já adotados pelo professor Arthur Ramos (...)" que, pela lógica de acumulação, vale a pena serem citados:

- Série A- Macumbas e candomblés;
- Série B- Plantas, "banhos", "defumadores", etc;
- Série C -"Garrafadas", *não chegou ao Museu;*
- Série D - Objetos etnográficos não negros;

Série E - Instrumentos de música e ferro da escravidão;

Série F - Objetos africanos.

No mesmo artigo, informa Valdelice Carneiro Girão que o Museu pertencente ao extinto Instituto de Antropologia tomou para si a responsabilidade de "(...) zelar pelo patrimônio, assim como divulgar, por meio de publicações, exposições, etc.", por compromisso assumido com a família Ramos.

Além desse acervo, a UFC adquiriu, na mesma data, a chamada Coleção Luísa Ramos, contendo "amostras de rendas e bilros" (Girão, 1973: 95), cuja classificação elaborada pela mesma professora Valdelice constituiu, mais de dez anos depois, um catálogo publicado pela Universidade Federal do Ceará¹², onde se lê, na Introdução:

As rendas de bilros do Museu Arthur Ramos da Universidade Federal do Ceará estão divididas em duas partes: Coleção Luísa Ramos e Coleção Rendas do Ceará.

Pelo fato de a bibliografia sobre o assunto ser escassa, Girão informa que recorreu

(...)a questionários, anotações e, principalmente, ao trabalho A renda de bilros e sua aculturação no Brasil, de Luísa e Arthur Ramos (Girão, 1984: 5).

Em outra oportunidade, 1983, a professora Valdelice publica, pela Universidade Federal do Ceará, Arthur Ramos e sua coleção, onde se encontram catalogadas 231 peças integrantes do "Museu Arthur Ramos, hoje instalado na Casa de José de Alencar (...)", acrescentando, portanto, 19 itens que não constavam da publicação anterior. Nesta publicação a autora faz a mesma ressalva quanto ao item "garrafadas", que nunca chegou ao Museu.

O acervo que integra a Coleção Arthur Ramos encontra-se hoje exposto na Casa de Cultura José de Alencar, em Messejana, de

propriedade da Universidade Federal do Ceará. Luitgarde conta que esta casa funcionou, inicialmente, na casa onde nasceu José de Alencar, filho do Presidente da Província do Ceará, o Padre Martiniano de Alencar, cujo irmão morreu na Revolução de 1817 e, em 1824, o Padre Martiniano recebe o perdão de Pedro I e a casa hoje está preservada, apenas como memória de onde viveu. Foi construído um prédio imenso para dar abrigo às coisas da cultura do Ceará e aí estão as peças que sobraram do museu antropológico, do qual não tem nenhum antropológico tomando conta.

Para compreender a formação desta Coleção, é preciso conhecer a biografia de Arthur Ramos, que acumulou durante sua vida de pesquisador objetos museológicos tridimensionais, documentos que refletem sua trajetória e livros utilizados em seus estudos, materiais da memória coletiva e da História, que poderiam constituir um lugar de memória para futuras pesquisas.

A paixão de Arthur Ramos pelos livros é parte das lembranças do irmão e do pai:

Mas ainda ouço, e sempre, suas graves vozes dando-me lições de vida e de experiência. Foi com meu pai que aprendi as primeiras lições de coisas, olhando, da calçada de nossa casa, a lagoa a confinar o horizonte ao longe, ou a descobrir constelações no céu claro do Pilar, nas noites estreladas. Depois, a iniciação nos mistérios da "outra casa". Era como chamávamos a sua biblioteca, instalada num corpo separado do prédio, e onde se alinhavam, ao lado dos livros de medicina, magníficas coleções de clássicos da língua e obras de lingüística, de numismática, de folk-lore... Surgiu daí meu interesse pelo estudo das ciências do homem, o que iria determinar posteriormente meu curso de medicina e a predileção pelo estudo, mais largo, do comporta-

mento humano no ambiente social. (...) A minha recompensa maior será a de estar ouvindo aquelas vozes queridas que os ventos constantemente me trazem do Pilar distante para a música do meu coração (Ramos, 1945)

A idéia de Luísa Ramos, no sentido de criar uma fundação, não vingou. As razões do insucesso permanecem obscuras, já que não foi possível, ainda, recuperar um elo da corrente que se partiu. O que ocorreu de fato no processo de negociação entre a viúva e a Biblioteca Nacional, que impediu a realização de seu desejo, talvez esteja definitivamente perdido na noite dos tempos. Como quer que seja, graças ao trabalho e à dedicação de muitos personagens desta história, o acesso às informações sobre o universo de Arthur Ramos, refletidas em seu acervo, foi preservado, mesmo que de forma fragmentada. E a idéia de totalidade, antigo sonho da humanidade, desde a proposta da Biblioteca de Alexandria, uma vez mais se mostra (im)possível.

O trabalho de preservação da Coleção Arthur Ramos, pela Biblioteca Nacional, se completou com a catalogação de mais de quatro mil documentos, na Seção de Manuscritos. A dilaceração do patrimônio, que na época pareceu a Luíza Ramos um óbice à divulgação da obra do antropólogo, paradoxalmente ligou-o à criação dos estudos antropológicos no Ceará, por caminhos enviesados, na expressão do professor Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes (2004). Os livros adquiridos por Antônio Martins Filho, saindo do corpo integral da biblioteca de Arthur Ramos, diluíram-se no acervo do Instituto de Antropologia, integrando-se ao acervo maior da biblioteca do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará. E desde a instalação do Departamento de Ciências Sociais desta universidade, em 1966, e a criação de seu curso de graduação, em 1968, sobretudo seus professores e alunos puderam usufruir de parte do patrimônio cultural cuidadosamente organizado por Arthur Ramos.

Notas

¹ Versão original deste trabalho foi apresentada no Centenário de Arthur Ramos, organizado pela professora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, na UERJ, Rio de Janeiro, 10-12 de novembro de 2003. Devo-lhe a oportunidade de estudar o assunto, bem como as pistas para encontrar as fontes utilizadas. Agradeço, ainda, a Ana Cristina Roque, pelo minucioso trabalho de transcrição dos documentos sob a custódia da Biblioteca Nacional. Em especial, agradeço ao professor Eduardo Diatahy B. de Menezes pelas críticas e sugestões feitas a este artigo.

² Nos excertos de opiniões, constantes de seu *Curriculum vitae*, Arthur Ramos (1945) menciona o de Bastide, publicado na *Revue Internationale de Sociologie*, janeiro-fevereiro de 1939: "(...) Les souvenirs d'enfance se reveillent et le désir de dire la beauté des noirs chantant parmi les cannes à sucre ou courant sur les quais des villes du littoral: désormais, il va consacrer sa vie à deux taches, révéler aux Brésiliens les doctrines psychanalytiques, surtout dans leurs applications aux problèmes d'éducation et tracer le tableau le plus exact et le plus véridique possible des afro-brésiliens".

³ Sobre seu livro *O Negro Brasileiro*, Pierson afirmou: "(...) o mais adequado relato até agora publicado sobre o culto afro-brasileiro." In: Boletim Bibliográfico, v. 1, n. 3, São Paulo, abril-maio, 1944.

⁴ Entrevista concedida a Icléia Thiesen Magalhães Costa, em 13 de outubro de 2003. A professora Luitgarde publicou diversos artigos sobre Arthur Ramos, bem como o livro *Arthur Ramos e as dinâmicas sociais de seu tempo*, pela Editora da Universidade Federal de Alagoas, em 2000, fruto de seu trabalho de pós-doutorado (UNICAMP).

⁵ Para se ter uma idéia mais abrangente de sua vasta produção intelectual, ver Arthur Ramos: *Curriculum vitae - 1903-1945*, elaborado pelo antropólogo, em maio de 1945, por exigência do concurso para professor catedrático de

Antropologia e Etnologia da Faculdade Nacional de Filosofia. Sua obra reúne, nesta data, 1234 títulos, 432 livros e artigos, 96 cursos e conferências, 57 entrevistas, conforme registrou também Antonio Carlos Vilaça, em "O africanista Arthur Ramos", publicado no *Jornal do Brasil*, Caderno B, em 31 de outubro de 1974, por ocasião dos 25 anos da morte do cientista.

⁶ Na transcrição de um desses anúncios, publicado no *Monitor*, de 13 de maio de 1842, lê-se o seguinte: "Fugiram dois escravos a Caetano Dias da Silva, da vila de Itapemirim, os quais estavam na fazenda do Limão; um chama-se Manoel Paulo e tem em ambas as pás ou ombros, pelas costas, a seguinte marca: C.P.S., entrelaçadas. O outro de nome Luciano tem a mesma marca nas duas pás e em ambos os peitos; dá-se 25\$000 de alvíssaras a quem os pegar."

⁷ Condé, J. "Ouvindo uma geração". Rio de Janeiro, *O Cruzeiro*, 30 de outubro de 1937.

⁸ "Sou esposa de um escritor". Entrevista concedida a Zoia de Laet. Rio de Janeiro, *Dom Casmurro*, 26 de agosto de 1939.

⁹ Em entrevista concedida à autora deste artigo, a professora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros menciona a existência do Museu Arthur Ramos, na residência do antropólogo, conhecido como Museu Afro ou de Arte Africana, quando o cientista era vivo, dando conta, ainda, de que há "(...) correspondências onde estudiosos estrangeiros que vieram ao Brasil e se encantaram com aquelas peças do Museu (...)"

¹⁰ Esse número de peças foi mencionado na entrevista com a professora Luitgarde: "A coleção não está íntegra porque as notícias eram de mais de 400 peças (...) estive lá e não tem mais 212 peças, mas cento e poucas. Umas se quebraram, outras desapareceram e não há um tombamento passando de um diretor para outro, da Casa de Messejana. O inventário que existe é esse feito por Valdelice, chamado "Coleção Arthur Ramos".

¹¹ Girão, Valdelice Carneiro. "*Renda de bilros: coleção do Museu Arthur Ramos*". Fortaleza, Edições Universidade do Ceará,

1984. 445p. A autora explica, na obra, o conteúdo das coleções, bem como as prováveis origens da renda de bilro, no Brasil, possivelmente trazida por mulheres portuguesas, posteriormente aculturadas e difundidas, no século XVII, "(...) nas zonas do litoral e do sertão, e através da mulher do povo, tornando-se uma cultura de folk" (p. 5). Técnicas de fabrico, nomenclatura, centros de produção e decadência são itens que antecedem os itens descritos no catálogo, divididos em (1) Coleção Luísa Ramos, contendo a divisão "brasileira", separada por estados; "estrangeira", por países, e "procedência ignorada" e (2) Coleção Rendas do Ceará, organizadas por cidades de origem. Esta última coleção, "(...) ainda em início, virá complementar o nosso estudo sobre o artesanato tão difundido no Nordeste brasileiro e mui principalmente no Ceará, que se destacou, entre os Estados da Federação, como centro rendífero".

Referências Bibliográficas

- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Arthur Ramos e as dinâmicas sociais de seu tempo*. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2000.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Entrevista concedida a Icléia Thiesen Magalhães Costa. Rio de Janeiro, 13 de outubro de 2003.
- CONDÊ, J. "Ouvindo uma geração". Rio de Janeiro, *O Cruzeiro*, 30 de outubro de 1937, p.35 / 6.
- DA CIVILIZAÇÃO negra à psychanalyse: uma palestra com Arthur Ramos, um dos nossos maiores cultores de psicologia social. *A Gazeta de São Paulo*. São Paulo, 20 de abril de 1938.
- GIRÃO, Valdelice Carneiro. "A Coleção Arthur Ramos". Rev. C. Sociais, v.2, n.1. Fortaleza, 1971.
- GIRÃO, Valdelice Carneiro. *Arthur Ramos e sua coleção*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1983.
- GIRÃO, Valdelice Carneiro. *Renda de bilros: coleção do Museu Arthur Ramos*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984. 445p.
- LAET, Zoia de. "Sou esposa de um escritor". Entrevista concedida por Luísa Ramos a Zoia de Laet. Rio de Janeiro, *Dom Casmurro*, 26 de agosto de 1939.
- MARTINS FILHO, Antônio. *Memórias: maioridade*, II. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 1994.
- MEIO século de Abolição: escravos marcados a fogo com as iniciais do "Senhor". Rio de Janeiro, *O Globo*, 13 de maio de 1938.
- MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. Correspondência com a autora deste artigo, via Internet, em 3 de maio de 2004.
- RAMOS, Arthur. (1948a). "Cultura e êthos". Separata de *Cultura*, 1: 87-96.
- RAMOS, Arthur. (1948b). "Arte africana no Brasil". *Cultura*, 2: 185-212.
- RAMOS, Arthur. *Curriculum vitae - 1903-1945*. Rio de Janeiro: C. Mendes Júnior, 1945. 67p.
- VILAÇA, Antonio Carlos. "O africanista Arthur Ramos". *Jornal do Brasil*, Caderno B, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1974, p.4.